**Masculinidade hegemônica nas aulas de Educação Física: o caso do Caçadrez**

Weslei Mota[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

As questões de gênero se mostram explícitos em diferentes âmbitos da nossa vida, inclusive no interior da escola e nas aulas de Educação Física. Dessa forma, o objetivo desse artigo foi debater as implicações de gênero, principalmente da masculinidade, nas aulas de Educação Física, utilizando como filtro o Caçadrez, jogo desenvolvido no Colégio Estadual Teobaldo Leonardo Kletemberg junto ao PIBID, e que mostrou essa relação de maneira clara através dos discursos, estratégias e atitudes. Para tanto, foi utilizado as teorias de gênero para analisar essa relação.

**Palavras chave:** Masculinidade; Gênero; Educação Física escolar; Caçadrez

**Introdução**

O debate sobre gênero ao longo da história tem se mostrado muito flexível. Embora esse debate esteja centrado na mulher, analisar seu universo só é possível a partir da oposição entre o feminino e o masculino. Assim, quando fala-se na construção do ser feminino, deve-se ter em mente um ideal de masculinidade que tensiona e ajuda a construir esse conceito (SCOTT, 1995).

Essa problemática, no entanto, está longe de ser a única. Quando estamos falando de gênero, estamos tratando de uma palavra ambígua e complexa. Portanto, utilizaremos aqui uma definição proposta por Nicholson (2000), na qual entende-se gênero como a evidente oposição entre o biologicamente dado e o socialmente construído, encontrando-se como uma referência a comportamentos e personalidades. Não se trata de descartar as diferenças biológicas, mas de analisar quais discursos se constroem a partir delas (SCOTT, 1995, p. 89).

Ressalta-se a partir disso que além do gênero ser plural ela é relacional e negociada também, uma vez que essas categorias mudam em relação à configuração sociocultural na qual os sujeitos estão inseridos. Dessa forma, quando debatemos a masculinidade, objeto central desse artigo, devemos ter claro aquilo que Connell (1995) enfatiza, onde a masculinidade se relaciona com as configurações de práticas sociais, isto é, atitudes que os sujeitos realizam para se posicionarem enquanto homens. No entanto, no mesmo contexto há a existência de diferentes masculinidades, sendo que trataremos aqui da masculinidade hegemônica, definida como “[..] a dinâmica cultural pela qual um grupo exige e mantém uma posição de liderança na vida social, possuindo estreita ligação com a posição dominante dos homens, exclusão de outras formas de masculinidades e submissão das mulheres.” (BRITO; SANTOS, 2013, p. 237-238)

 Dessa forma, o universo masculino é definido a partir de discursos, servindo para definir as experiências individuais dos sujeitos, dando sentido a elas. Por mais individual que essa experiência seja, ela é definida socialmente por meio da linguagem e dos discursos produzidos (SCOTT, 1999).

Estudar gênero portanto, envolve uma série de questões existentes paralelamente, entre elas as relações de poder estabelecidas. O caráter ideológico da linguagem (ORLANDI, 1999), que reafirma essas relações de poder, insere-se na configuração social de tal forma a produzir discursos que por sua vez serão reproduzidos por parte dos dominados como se fossem naturais, ou seja, transformam os sujeitos a partir da educação de seus sentidos e valores para que utilizem a gramática dominante, não sendo possível, mesmo que surjam possibilidades, de criar resistência contra esse tipo de situação.

Dessa forma, nossa intenção aqui é tentar analisar como esses discursos se manifestam, mesmo que inconscientemente, nas aulas de Educação Física, pois como nos demonstra DaMatta (1982), através de microuniversos é possível interpretar aspectos da cultura de uma determinada sociedade, uma vez que ela se revela por “filtros”, aqui analisadas a partir do jogo. Assim, o objetivo desse artigo é perceber como os discursos dominantes, especificamente as de gênero, estão presentes num jogo como o caçadrez, reafirmando dessa forma a masculinidade socialmente exigida.

**Gênero e Educação Física escolar: uma relação história**

A relação entre gênero e Educação Física no Brasil se mostra conflituosa desde o seu início, quando as práticas de ginástica - consideradas naquele momento um sinônimo ao que entendemos por Educação Física hoje - passam a ser sistematizadas em algumas escolas, como nos mostra Soares (1994). O historiador Vago (2010), analisando o contexto de Minas Gerais, relata o surgimento de primados orientadores dessa nova atividade, que englobava objetivos diferentes conforme a época, inclusive a de gênero.

Dentro da escola Rui Barbosa, em 1882, intencionava integrar ambos gêneros nas aulas de Ginástica com o Projeto n. 2224, que tratava da Reforma do Ensino Primário. Submetendo a Educação Física como uma atividade importante na configuração da nova sociedade em construção, Rui Barbosa pretendia instituir a extensão da Ginástica nas Escolas Normais para ambos sexos, onde o homem e a mulher assimilaria os papéis que deveriam desempenhar na construção dessa nova nação. Assim, os cidadãos deveriam ser “bons animais”, com os homens sendo formados para ocupações militares e para o trabalho laboral, uma vez que o país dependia do bom preparo do soldado em caso de guerra e do vigor físico para a intensa e cansativa jornada nas fábricas. Para as mulheres, contrariamente a esse direcionamento, as aulas de Ginástica serviriam para a “harmonia das formas feminis e às exigências da maternidade futura” (VAGO, 2010). As relações de gênero se mostravam, portanto, muito bem definidas e delineadas desde a primeira proposta de ensino, com a escola servindo, dentro dessa concepção, na fomentação da virilidade nacional.

Fora do ambiente escolar as mulheres sofriam exclusão das práticas físicas, inclusive legalmente, como é o caso do Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que dizia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (CASTELLANI FILHO, 1982).

Haveria, portanto, uma distinção das aulas, inclusive com a separação delas para garantir o resultado desejado sobre os corpos. Esse direcionamento das aulas da Educação física, com objetivo disciplinador e pautado numa visão biológica do sujeito, começará a ser questionado nos anos de 1980 e 1990, uma vez que o direcionamento das aulas não estariam pautados mais no desenvolvimento das aptidões físicas (SOARES, 1996). Como consequência, segundo Uchoga e Altmann (2010), as aulas “mistas” acabam ganhando campo, sendo o marco inicial para os estudos de gênero na Educação Física escolar.

**Caçadrez: um caso explicito de masculinidade**

O caçador, segundo Uchoga e Altmann (2010), é um jogo considerado socialmente feminino. As autoras analisam trabalhos históricos que relatam a restrição às mulheres ao universo do vôlei e caçador dentro das competições escolares. Ainda assim, quando falamos dessa prática em um ambiente “misto”, as relações de poder são realçadas à favor dos meninos.

De acordo com Soares et al (1992, p. 66) o caçador seria uma “situação imaginária de uma “guerra” onde uma equipe “extermina” a outra com “tiros” de bola”. Nesse sentido, os autores relatam que essa violência inerente a esse jogo pode ser discriminatório, uma vez que exclui os mais fracos técnica e fisicamente do jogo. Ora, podemos expandir essa consequência para além da eliminação dos jogadores propriamente ditos, observando através das teorias de gênero como ocorre a “eliminação” de certos grupos na própria lógica do jogo.

Sendo uma variação do caçador, o Caçadrez é uma atividade inserida no conteúdo de Jogos. A atividade em questão foi aplicada no Colégio Estadual Teobaldo Leonardo Kletemberg, localizada no bairro Sitio Cercado, em Curitiba-PR, a alunos do Ensino Médio, de 15 à 17 anos. Essa atividade foi desenvolvida junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto 0 - A perspectiva da cultura corporal em distintos contextos da formação docente a Educação Física, do departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o objetivo de vivenciar os jogos tradicionais, e nos revela um universo de possibilidades para interpretar as questões de gênero, principalmente a reafirmação da masculinidade nas atitudes e estratégias das equipes em jogo.

Assim, cabe explicar a lógica do jogo para entendermos como essas relações de gênero se materializam ao longo da atividade. Para tanto, farei uma comparação com o Caçador tradicional, facilitando o entendimento do Caçadrez. Nesse primeiro jogo, o objetivo é “queimar/matar” todos adversários, que por sua vez encontram-se em uma determinada área limitada. No Caçadrez, diferentemente, há uma fusão entre o Caçador tradicional e o Xadrez, sendo que nesse jogo há três funções fundamentais no desenvolvimento do confronto: um dos alunos será o Bispo, com a função de delatar quem é o Rei/Rainha da própria equipe caso seja “morto”; um Rei/Rainha, cuja função é se esconder ao máximo, uma vez que a sua “morte” é determinante no resultado final do jogo; e por último, e mais importante na análise que seguirá, a Torre, que tem a função de proteger o Rei/Rainha das boladas, uma vez que não pode ser “morto”, embora também não possa “matar”. Para além deles, há os peões, que são todos os outros jogadores que não desempenham essas três funções, e que poderão ser mortos se forem atingidos pela bola arremessada pelo adversário ou recuperar a bola se a pegarem quando ela toca primeiramente o chão ou quando pega-se ela sem que a mesma caia no chão.

Essas funções serão primordiais na nossa análise sobre a masculinidade. Como as funções não eram previamente estabelecidas pelo professor, foi dada aos próprios alunos das equipes a responsabilidade de debater quem seria quem dentro do jogo. Sendo assim, ao longo do desenvolvimento do jogo foi possível notar uma pró atividade maior dos meninos em designarem os papéis dentro do jogo, que em sua grande maioria conferia aos meninos a função de ser a “Torre”, protegendo a “Rainha” - que poderia ser o Rei, embora tenha se observado uma maior aderência de meninas nesse papel considerado mais frágil dentro do jogo. Não raro ouvia-se de meninos que as meninas deveriam ser as “rainhas” e o “bispos” por conta de suas capacidades e composições físicas serem consideradas menores e mais frágeis, facilitando a sua proteção. Esse domínio masculino, inclusive, serviu para criticar as aulas mistas:

[...] O conflito de uma aula “mista” e a justificativa para a separação por sexo, é argumentado sobre o fato de que meninas não conseguem acompanhar, praticar com o mesmo empenho e competência o esporte, que os meninos. E ainda, que as meninas choram e reclamam muito (são mais sensíveis). **E, os meninos, quando jogam com meninas, para não perderem o jogo, têm que se empenhar por eles e por elas.** (KUNZ, 1994, p.225, grifo nosso).

Ainda em relação a isso, Badinter (1993) nos assinala que os esportes que envolvem competição, força física e agressão, são considerados atividades que introduzem-nos à virilidade, sendo nesse campo que o garoto ganha "status de macho", explicitando seu desprezo pela dor, o controle corporal, a força e a vontade de ganhar e vencer os outros. A mesma lógica aplica-se ao Caçadrez nesse contexto, pois a atitude dos meninos frente ao jogo exigia uma performance digna de homem, em seu entendimento socialmente construído. Sobre isso, inclusive, Brito e Santos (2013) nos relatam uma maior inclinação à atividades competitivas nos meninos, com gestos e atitudes típicas do comportamento masculino, para afirmar suas identidades perante à sociedade que os pressionam a agir de tal maneira.

É importante ressaltar que não somente as designações dos papéis do jogo centravam-se a partir da decisão dos meninos, mas a própria dinâmica do jogo acontecia hegemonicamente através dos meninos, corroborando com os dados que Uchoga e Altmann (2010) coletaram em escolas de São Paulo, analisando a “queimada”[[2]](#footnote-2), com turma do Ensino Fundamental. Essas autoras demonstram em números o domínio dos arremessos por parte dos meninos, mesmo com igualdade ou até mesmo predomínio das meninas em jogo, quantitativamente falando.

Além disso, os meninos sempre se dispunham a estar na frente para tentar recuperar a bola a segurando, mesmo tendo um jogador com essa função, demonstrando coragem, pois poderiam ser mortos, característica essa historicamente utilizada para definir a masculinidade em determinadas culturas. Relacionando com a Educação Física escolar, apontam Cavaleiro e Viana (2010) gostar “de exercícios físicos pesados, jogar duro, **mostrar-se rude** e desprezar a dor, isto é, jogar sem se importar em ser ferido é considerado quase uma “obrigação” para qualquer menino ou garoto “normal e sadio”” (p.140, grifo nosso).

Apesar disso, Sendo o poder, como nos coloca Michel Foucault (1986), algo que se dá nas relações entre os sujeitos, exercendo-se em rede e, não de maneira hierárquica, algumas meninas, como o caso de Joana, legitimaram sua participação nos arremessos quando demonstraram possuir força ou quando “lutavam” seja verbalmente ou corporalmente pela posse de bola.

**Referências Bibliográficas**

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v.20, n. 2, p.71-99, jul.-dez.1995.

SCOTT, J. Experiências. In: \_\_\_\_\_ SILVA, A.L; LAGO, M.C.S; RAMOS, T.R (org.). **Falas de gênero**: teorias, analises, leituras. Florianópolis: Mulheres, 1999.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

CONNEL, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul.-dez. 1995

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In:\_\_\_\_\_ (org), **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

CASTELLANI FILHO, Lino. Ensaio sobre a Mulher brasileira face à legislação da Educação Física e do Desporto. **Desportos Lazer**, v. VIII, p. 18-21, 1982.

VAGO, Tarcísio Mauro. Sobre a produção da Educação Física como disciplina escolar: apontamentos. In:\_\_\_\_\_ VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (org.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010.

BADINTER, Elisabeth. (1992). **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

BRITO, L. T; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246.

UCHOGA, L.A; ALTMANN, H. Relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar. In: Fazendo gênero 9 - Diásporas, diversidade, deslocamentos, 2010, Florianópolis. **Anais** do Fazendo gênero 9 - Diásporas, diversidade, deslocamentos. Florianópolis: UFSC, 2010. V.1. p. 11.

SOARES et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C.L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

SOARES, C.L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

CAVALEIRO M.C.; VIANNA C. Chutar é preciso? Masculinidades e educação física escolar. In:\_\_\_\_\_KNIJNIK, J.D.; ZUZZI, R.P. (org.). **Meninas e meninos na educação física**: gênero e corporeidade no século XXI. Jundiaí: Fontoura, 2010. p.137- 154.

1. Aluno de graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) [↑](#footnote-ref-1)
2. Por se tratar de um jogo, que se define por possuir regras flexíveis, as maneiras de jogar e nomenclaturas estão intimamente relacionadas com a cultura com que a prática dessa atividade está inserida, sendo diferentes de um lugar para o outro, sendo possível encontrar nomes como caçador, queimada, mata-mata, etc. [↑](#footnote-ref-2)